

A poesia na Idade Média – O Trovadorismo (do séc. XII ao XV)

A poesia trovadoresca se divide em dois tipos: Lírica e Satírica. Surgida em tempos que não temos como certificar, seu auge foi entre os séc. XII e o XV, principalmente na época das cruzadas, na Idade Média, durante a formação da Nação Portuguesa, quando viajantes semearam a cultura da improvisação em cantigas e modas que tinham todo o tipo de assunto.

A sociedade do trovadorismo era fortemente conservadora, patriarcal, machista e feudal, o que, aliás, remete uma característica muito importante ao trovador, sua relação de vassalo-suserania, pois o trovador é um servo de sua amada. Essa é a época de Reis, menestréis, e lendas urbanas como a de Robin Hood.

▪ **Lírica:** aqui temos as cantigas de amor e de amigo, dois tipos populares de canção que o trovador utilizava para se referir ao ser amado, mas que se distinguem na postura do sujeito que se declara e na estética. Lírica é sempre um texto amoroso.

➤ Cantiga de Amor: o eu lírico, masculino e assumido, idealiza a amada, a venera, idolatra como se fosse seu servo (vassalo), é dotado de grande cordialidade, e não se arrepende por não ser correspondido, tanto que deseja morrer por amor. Todavia, não podemos nos deixar levar, pois o que o trovador realmente venera é o seu sentimento pela a amada, não necessariamente a mulher.

Ex.:

A dona que eu amei tenho por Senhor
Mostre-me a Deus, se em voz prazer for,
Se não, dê-me à morte.

A que tenho eu por lume d'estes olhos meus
E porque choram sempre, mostre-me a Deus,
Se não, dê-me a morte.

Essa que Vós fizestes melhor parecer
De quantas sei, a Deus, fazei-me ver,
Se não, dê-me à morte.

A Deus, que me fizestes mais amar,
Mostre-me algo que possa com ela falar,
Se não, dê-me à morte.

Bernardo Bonaval

➤ Cantiga de Amigo: o eu lírico é feminino, porém o autor da cantiga é masculino, pois não era permitido às mulheres expressarem seus sentimentos, ainda mais por se tratar geralmente de um amor impossível ou proibido. Outro tema recorrente é a saudade de um amor já consumado, mas que fora interrompido por uma guerra ou por abandono. A uma forte idealização do ser amado, mas um sentimento que dificilmente poderia ser assumido.

Ex.:

Ai flores, ai flores do verde pino,
Sabes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
Sabes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Sabes novas do meu amigo,
Aquele que mentiu do que pôs comigo!
Ai Deus, e u é?

Sabes novas do meu amado,
Aquele que mentiu do que mi há jurado!
Ai Deus, e u é?

D. Dinis

▪ **Sátira:** aqui temos as cantigas de escárnio e mal dizer, geralmente usadas para tratar com humor, deboche, críticas e até mesmo maldade um acontecimento ou figura importante da corte. A palavra sátira tem referência na mitologia grega, na figura do sátiro, aquele que não segue as convenções, que é crítico, o guia, o mal dito.

➤ Cantiga de Escárnio: o trovador faz uma crítica sutil e indireta, pois se utiliza da ironia e seu requinte, é ambíguo, e costuma tratar da vaidade feminina ou das pretensões sociais e dos vícios humanos.

Ex.:

Roi Queimado morreu com amor
em seus cantares, por Santa Maria,
uma dona que bem queria;
e por se meter por mais trovador,
porque não quis fazer-lhe bem,
fez em seus cantares morrer;
mas ressurgiu depois de tecer o dia.

E se meu Deus a mim desse poder
qual hoje há, pois morrer, de viver,
jamais eu a morte nunca temeria.

Pero Garcia Buralês

➤ Cantiga de mal Dizer: o trovador faz uma crítica direta e violenta, pois se utiliza do sarcasmo, com uma linguagem grosseira, ofensiva, de baixo calão. Todos sabem a quem se refere a crítica e a zombaria, pois o objetivo é desmoralizar.

Ex.:

Ai dona feia! Foste-vos queixar
Que vos nunca louvo em meu cantar;
Mas agora quero fazer um cantar
Em que vos louvarei de qualquer modo;
E vedes como quero vos louvar:
Dona feia, velha e sandia!

Ai dona feia! Que Deus me perdoe!
E pois havedes tão grande desejo
De que eu vos louve, por este motivo,
Quero vos louvar já de qualquer modo;
E vedes qual será a louvação:
Dona feia, velha e sandia!

Dona feia, eu nunca vos louvei
Em meu trovar, embora tenha trovado muito;
Mas agora já farei um bom cantar;
Em que vos louvarei de qualquer modo;
E direi-vos como vos louvarei:
Dona feia, velha e sandia!

João Garcia de Guilhade